

O Paraguai na Guerra do Chaco (1932-1935)

Pedro Henrique Soares Santos¹

Resumo: A guerra do Chaco foi um conflito entre Bolívia e Paraguai pela posse do Chaco Boreal, região que por muito tempo não recebeu atenção de nenhuma das duas repúblicas, mas que com a descoberta de recursos naturais, como o petróleo, passou a ser intensamente disputada, levando à guerra. O presente trabalho pretendeu, a partir da leitura de alguns autores, perceber como o Paraguai, tido como o combatente mais fraco pela comunidade internacional à época – visto que possuía uma população inferior à da Bolívia, armamentos de pior qualidade, uma força aérea quase inexistente –, conseguiu vencer as forças do Altiplano em quase todos os encontros militares, chegando mesmo a invadir os Andes.

Palavras-Chave: Guerra, Paraguai, Bolívia.

Abstract: The Chaco War was a conflict between Paraguay and Bolivia for the possession of the Chaco Boreal, a region that for a long time received no attention from either of the two republics, but with the discovery of natural resources such as oil, has become intensely disputed, leading to war. The aim of this work, from reading some authors, is to perceive how Paraguay, considered as the weakest fighter at that time by the international community – as its population was smaller than that of Bolivia, had weapons of poor quality, an air force almost non-existent –, managed to defeat the forces of the Altiplano in almost all military encounters, and even invaded the Andes.

Key-Words: War, Paraguay, Bolivia.

I. Antecedentes históricos da guerra;

A guerra do Chaco foi um grave conflito que envolveu a Bolívia e o Paraguai, oficialmente, entre os anos de 1932 a 1935, chegando-se a um acordo de paz somente em 1938. A causa da contenda foi a disputa pela posse do território do Chaco Boreal, porção que é delimitada pelos rio Paraguai, a leste, Pilcomaio, a oeste, e Parapetí, no sudeste boliviano (Cf. DORATIOTO, 2000: 1). A região é formada por pântanos no nordeste, noroeste e sudoeste, por desertos e colinas no extremo oeste e por grandes áreas cobertas de florestas no centro (Cf. ROUT JUNIOR, 1966: ii). No início do século XX, foram encontradas reservas de petróleo na região, o que contribuiu para o desencadear do conflito (Cf. DORATIOTO, 2000: 5). Mas, de acordo com Junior, os embates não podem ser explicados somente pelos recursos presentes na região (Cf. ROUT JUNIOR, 1966: iv). Há muito as duas nações tinham querelas pela definição

¹ Graduando no curso de História pela Universidade de Brasília.

de suas fronteiras no Chaco, e isto é o que se pretende abordar neste primeiro tópico.

Pode-se situar as origens do conflito no período colonial e no processo de independência da América hispânica. Não havia na época colonial uma preocupação em demarcar fronteiras entre os vice-reinos por se tratarem todos de domínios da Coroa espanhola, que não previa, certamente, o aparecimento de diversos países nos territórios por ela controlada². Após os processos de independência no início do século XIX, Bolívia e Paraguai demoraram a firmar suas fronteiras, visto que outras questões se impunham naquele momento histórico, inclusive a concretização de suas respectivas emancipações políticas.

O primeiro momento de disputa apareceu quando em 1852³ (Cf. DORATIOTO, 2000: 1) foi assinado entre as repúblicas paraguaia e argentina o Tratado de Navegação e Limites, no qual a Argentina reconhecia a soberania guarani sobre o rio Paraguai até sua junção com o rio Paraná (Cf. ROUT JUNIOR, 1966: 1). A assinatura deste tratado teve como consequência a reclamação da Bolívia à Argentina de que também teria direitos sobre o rio. Esta última replicou dizendo que o Altiplano resolvesse com os paraguaios esta questão.

Após a guerra do Paraguai, as fronteiras deste país tiveram de ser re-estabelecidas com os países vitoriosos. De acordo com o Tratado da Tríplice Aliança assinado entre Brasil, Argentina e Uruguai em 1865, caberia aos argentinos todo o Chaco Boreal (Cf. DORATIOTO, 2000: 1). Terminada a guerra, as negociações diplomáticas foram retomadas e um novo tratado assinado. Em 1876, Paraguai e Argentina dividiram a área entre o rio Pilcomaio e o que mais tarde será o porto da Baía Negra em duas partes. O território entre essa e o rio Verde seria guarani e entre este rio e o Pilcomaio seria dada à arbitragem do presidente estadunidense Rutherford Hayes. Sua decisão veio em 1878 favorável ao Paraguai. Antes mesmo do presidente chegar a dar seu parecer final, a Bolívia já havia levado suas proposições e defesas, argumentando ter direitos sobre a região. Sua intenção era que o chefe norte-americano levasse sua posição em consideração, o que não aconteceu⁴ (Cf. ROUT JUNIOR, 1966: 2-3)..

² Apesar de que desde o século XVI, sabia-se de maneira imprecisa o território de jurisdição da Audiência de Charcas, do governo de Buenos e do governo de Assunção. Isto, contudo, não eliminava a possibilidade de conflitos.

³ Leslie Junior aponta em seu texto a data de 1853.

⁴ O argumento dos bolivianos era o do *res inter alios acta*, ou seja, um contrato, nesse caso um tratado, não pode afetar o direito de outro que não está presente no mesmo contrato ou tratado.

Começou-se, a partir de então, uma série de tratados entre os países para entrar em um acordo sobre o domínio de cada um no Chaco. No entanto, a maioria não foi ratificada ou não entrou em vigor devido a barreiras nos respectivos Legislativos⁵ (Cf. ZOOK, 1997). Ambos os contendores tentavam justificar sua posse do Chaco recorrendo à história colonial. Por exemplo, argumentavam os bolivianos, defendidos por Mujía, que os direitos de seu país vinham de sua herança da Audiência de Charcas, baseando-se no direito de *uti possidetis* de 1810. Os paraguaios, cujo porta-voz era Moreno, alegavam que a região era guarani por direito de descobrimento e que o direito legal do Altiplano carecia de significado sem a devida ocupação. Enfim, cada parte conseguia achar no passado argumento que lhe dava direito e refutava a outra (Cf ZOOK, 1997: 30) Ao longo do tempo, os países tentaram aumentar sua presença no território em litígio de várias maneiras. O Paraguai deu concessões no Chaco a empresas estrangeiras no final do século XIX e favoreceu a ida de menonitas para a região. A Bolívia, com o mesmo intento, começou a construir vários fortins no início do século XX e concedeu direito de exploração de petróleo para a empresa americana Standard Oil⁶ (Cf. DORATIOTO, 2000: 2). À medida que a tensão aumentava mais fortemente se sentia a presença militar dos litigantes por meio de seus fortins, principalmente na década de 1920. Doratioto e Sienna destacam a instabilidade política do Paraguai como fator que facilitou a penetração boliviana.

Durante esse processo de tensão crescente cada um dos países foi buscando em seus vizinhos aliados em potencial. A Bolívia buscou o apoio do Brasil, mas este preferiu adotar uma posição neutra em relação ao conflito. O Paraguai procurou a ajuda da Argentina, que, apesar de declarações de neutralidade, foi-lhe favorável. A república Argentina se destacava no cenário internacional com sua liderança econômica e diplomática na América do Sul⁷.

Em 1928, acelerando o processo que levaria ao conflito, ocorreu um ataque de forças paraguaias ao fortim boliviano Vanguardia à revelia do governo do país. O governo do Altiplano quebrou as relações diplomáticas e, em represália, o exército boliviano estacionado na região

⁵ São numerosos os tratados. Iniciam-se em no século XIX e prosseguem pelo século seguinte. São alguns exemplos: O tratado de 1879, arbitragem de Leopoldo II em 1886, outros em 1887, 1894, 1898. Em 1913 foram assinados os tratados Mujía-Moreno, no qual a situação deveria ser resolvida em dois anos com possível prorrogação por mais um ano. E assim foi em 1915, 1916, 1917 e 1918.

⁶Esta empresa encontrou quantidade diminuta de petróleo no território que pertencia à Bolívia e afirmou ao presidente Salamanca que tal recurso não era economicamente viável. No entanto, o chefe de governo boliviano acreditava que existiam mais poços petrolíferos no território disputado com o Paraguai e daí, portanto, o petróleo como fator catalisador do conflito.

⁷ Essa liderança Argentina levaria a uma disputa entre esta e os Estados Unidos na busca da hegemonia política.

tomou o fortim paraguaio Boqueron. Cada lado acusou o outro de agressão e de mobilização militar (Cf. ROUTH JUNIOR, 1966: 8). Ofereceu-se para mediar o conflito a Conferência Interamericana para Conciliação e Arbitragem, reunida em Washington em 1928. Esta Conferência, contudo, não conseguiu avançar na solução das divergências, formando-se posteriormente o Comitê de Neutros para mediar a crise do Chaco (Cf. DORATIOTO, 2000: 4). Um protocolo foi assinado entre os países em 1929 para dar cabo das disputas ocorridas no ano anterior e estabelecer o agressor. Mas o clima de tensão permaneceu.

Durante os anos de 1930 e 1931 a situação continuou indefinida; ocorreram lutas esporádicas entre as forças estacionadas lá, que foram gradualmente aumentando de número. Mais um tratado foi tentado, agora de não agressão, mas que em vez de ajudar, dado os espíritos exaltados das nações, fez piorar⁸. A escalada de tensão foi crescente e, de acordo com Leslie Junior: *“Despite reciprocal antagonism, persistent provocation and mutual resolve against making concessions, the Chaco War appears to have begun by accident.”* (Cf. ROUTH JUNIOR, 1966: 47). Seguindo-se a captura do fortim Mariscal Ant3nio L3pez e sua reconquista, os bolivianos sitiaram os fortins paraguaios de Corrales, Toledo e Boqueron. Assim, os governos começaram a se mobilizar: a guerra havia iniciado.

II. O conflito.

2.1 Primeira ofensiva.

No comando das forças paraguaias estava Jos3 Felix Estigarribia, militar que iniciou a guerra como tenente-coronel e a finalizou como general. Deposit3rio da confian3a do ent3o presidente paraguaio Eusebio Ayala (Cf. SIENRA, 1980: 85), Estigarribia, como um estrategista, percebeu dois fatores muito importantes para a conquista de seu objetivo – a expuls3o do ex3rcito boliviano do Chaco. Um deles era o tempo: era evidente ao l3der militar guarani que quem primeiro se mobilizasse e ocupasse o espa3o teria uma vantagem consider3vel sobre o inimigo (Cf. SIENRA, 1980, 62). O outro, relacionado 3 movimenta3o das tropas, refere-se ao territ3rio que deveria ser ocupado para se atingir em cheio o advers3rio e assim ganhar a guerra. Esse territ3rio compreendia os pontos baixo, m3dio e alto do rio Pilcomaio (Cf. SIENRA, 1980, 112)..

O primeiro ataque de grande vulto do ex3rcito paraguaio foi a retomada e batalha de

⁸ Bol3via amea3ou quebrar negocia33es depois que esse tratado falhou.

Boqueron, o fortim já referido e que havia sido capturado pelos bolivianos. A necessidade de se apoderar deste ponto relaciona-se a um plano mais geral de ação que levaria os paraguaios em direção ao rio Pilcomaio. Além disso, propositava-se conquistar o primeiro compartimento estratégico concebido pelos chefes militares guaranis, compartimento este formado pela transversal que ligava os fortins bolivianos do sul com os do norte. Era a transversal Sorpresa-Tinfunqué, Murgía, Arce, Fernández, Platanillo, Jayucubas; Bolívar y Loa. O fortim Arce constituía-se como central para esta conquista (Cf. SIENRA, 1980: 111; 115-116).

Para retomar Boqueron, o mando militar paraguaio decidiu isolar tal fortim de possíveis bases de apoio do exército boliviano. O Comandante-em-chefe ordenou que um regimento de cavalaria tomasse o eixo de ligação Yucra-Boqueron, mas descobriu-se, para infeliz surpresa dos contendores guaranis, que seus cavalos não constituíam meio de transporte útil no Chaco. Para remediar tal problema, Estigarribia enviou um regimento de infantaria para ocupar o referido espaço. Esse regimento lá permaneceu e combateu os bolivianos que vinham em socorro de seus companheiros em armas até a rendição completa de Boqueron. Com o isolamento, feito também em outras rotas, o fortim não tardou a cair. (Cf. SIENRA, 1980: 117).

Em suas tentativas de salvar as forças isoladas de Boqueron, o comando do Altiplano enviava seus grandes aviões Junker para prover-lhes material e comida. De acordo com Sienra, cerca de 80% destes auxílios "*caían como verdaderos regalos en las líneas paraguayas*" (Cf. SIENRA, 1980: 118). Ver-se-á ao longo deste trabalho que eram capturas de material bélico e de víveres bolivianos que municavam a capacidade ofensiva e defensiva paraguaia, ou em outras palavras, "*la parte sustancial de la guerra la financió el ejército al obtener los armamentos necesarios del adversario.*" (Cf. SIENRA, 296).

No dia 24 de setembro, Estigarribia recebeu a notícia de que a fonte de água para seu exército estava se esgotando. Ele então decidiu atacar o fortim que estava cercado, abandonando o princípio da economia de forças. Ordenou aos seus soldados atacassem a partir do dia seguinte. Por quatro dias foram rompendo uma a uma as linhas de resistência bolivianas até que ao chegarem à última, no dia 29, viram hasteadas bandeiras brancas nos bosques que cercavam o fortim. Coronel Marzana se rendia e retornava ao poder paraguaio o Boqueron (Cf. SIENRA, 1980: 118). Apesar de o Major Sienra se deter mais na descrição desta batalha, não se esquece de mencionar que muitas outras aconteciam ao redor de outros fortins. Ambos os exércitos se

atravessavam nos arredores das fortificações de Yucra, Lara, Castillo e Ramírez. Estes caíram todos sob o controle de seus assaltantes entre os dias 7 e 12 de outubro. Todas estas ações dotaram as tropas paraguaias de bastante material bélico, que eram distribuídos pelas novas hostes que chegavam da capital (Cf. SIENRA, 1980: 119).

Faltava agora o ataque a Arce, objetivo primordial para dividir as forças bolivianas, uma ao norte e outra ao sul. Contudo, Estigarribia estava subtraído de meios de transporte. Foram solicitados 50 caminhões ao governo de Assunção, mas até o dia 18 de outubro só lhes enviaram 14 unidades. Ainda assim, iniciaram-se as operações ofensivas de tomada do referido fortim. Passados poucos dias de luta tomaram Arce, no dia 23 do mesmo mês (Cf. SIENRA, 1980: 120).

Grande parte do primeiro compartimento estratégico havia sido conquistado. Caíram depois de Arce, os fortins Alihuata, Platanillo e Falcon. Estigarribia, foi, contudo, incapaz de alcançar a vitória em Saavedra, baluarte de resistência dos fortins bolivianos Sorpresa, Tinfunqué, 4 Vientos e Murgía. Explica-se esta incapacidade pelo reforço do Altiplano que descia os Andes naquele momento e sustentava suas posições. Em dezembro de 1932, o Comandante-em-Chefe paraguaio começa a armar sua defesa (Cf. SIENRA, 1980: 122; 126-127).

Em balanço geral as ações resultaram extremamente positivas. Destruíra-se boa parte do exército da época de paz boliviano da região antes que reforços substantivos pudessem chegar do Altiplano; foram reconquistados fortins perdidos no período pré-1932 e tomaram-se outros; avançou-se de forma decisiva em direção ao rio Pilcomaio. Soma-se a isso a captura de vasta quantidade de munições e material consequente destas operações.

Major Sienna ressalta veementemente que as diversas batalhas que resultaram na conquista do primeiro compartimento estratégico, tratado por ele como retomada e batalha de Boqueron, foram uma escola para todo o exército paraguaio.

En este plano, aprendimos a desplearnos de día como de noche, nos familiarizamos en la toma de contacto, en los asaltos, en los patrullajes y fundamentalmente, el ejército adquirió una experiencia extraordinaria en los cortes de camino a retaguardia del adversario. Todos estos movimientos se realizaban tanto de día como de noche, tanto en la selva como en los cañadones. Además, nos familiarizamos con la presencia de los aviones bolivianos, cuyas visitas eran de carácter permanente. La brillante actuación de nuestro ejército en la captura de Yucra, Castillo, Lara, Fernández, Platanillo, Arce, Alihuatá y los combates de noviembre

en el Kilómetro 7 de Saavedra, no fueron sino los resultados de ruda enseñanza que nos dejó Boquerón. Obviamente, los meses subsiguientes perfeccionaron aquellas experiencias. (SIENRA, 1980: 130-131).

Contudo e apesar das vitórias, neste primeiro momento os guaranis se depararam com vários problemas, principalmente no que se refere ao abastecimento de água, em especial no cerco a Boqueron, quanto à falta de meios de transporte, tanto ferroviários quanto automotores. Queixa-se o Major de que embora em todas as guerras os poderes políticos exerçam pressão, seja ela somente tributária, sobre as empresas instaladas no país de modo que estas contribuam com mais recursos para o esforço de guerra para além de disponibilizarem suas ferrovias ao contendor, isto não ocorreu com o Paraguai. De acordo com ele nada fez o governo para que se utilizasse as linhas ferroviárias das empresas instaladas no país guarani e que não houve aumento de impostos para as mesmas, que estariam vivendo como nos tempos de paz (Cf. SIENRA, 1980: 90; 182; 188; 296).

Após estas conquistas houve um endurecimento dos diplomatas paraguaios nas negociações internacionais (Cf. SIENRA, 1980: 127). Se bem que como afirmara Doratioto, desde 1932 e apesar de sua dependência diplomática e militar à Argentina, Eusebio Ayala agia “sempre de acordo com seu interesse nacional, mantendo-se intransigente em não ceder território à Bolívia para obter a paz.” (Cf. DORATIOTO, 2000: 11). Esta visão contraria um pouco a noção passada pelo Major Sienna, para o qual o poder político era fraco e que queria fazer a paz a todo o custo, tornando-se uma força negativa para as ações do exército no *front*. O autor destaca inclusive o pessimismo que tomava Ayala, apesar de todas as vitórias de seu país (Cf. SIENRA, 1980). Em contrapartida ao suposto pessimismo do presidente da república, Sienna afirma que o povo paraguaio estava unido e assim se manteve durante toda a guerra. “*LA UNION NACIONAL DE TODOS LOS PARAGUAYOS DURANTE TODA LA GUERRA FUE UNA REALIDAD*” (SIENRA, 1980: 127; 295) afirma.

Já no campo boliviano, começa a perder força a ideia de “pisar forte no Chaco”, própria do presidente daquela república, Salamanca. E, dadas as consideráveis derrotas para um inimigo tido como fraco, o exército boliviano perde moral, imprimindo-lhes um fator psicológico negativo.

2.2 O momento de defesa.

O Paraguai adota uma postura defensiva entre dezembro de 1932 até setembro de 1933. Tal conduta deveria ser posta em prática para que o exército, ainda improvisado, pudesse ser organizado; para que os reforços em homens e material chegassem possibilitando assim a criação de novas unidades táticas operativas, imprescindíveis para a continuidade das ações. O III Corpo de Exército é finalmente organizado e é criado o II Corpo. Estigarriba monta sua defesa de modo a atrair o inimigo a ela e não se deixa levar pelas movimentações de distração do exército boliviano. Organizados os Corpos referidos, estabelece três pontos fundamentais de resistência: o III Corpo de Exército ficaria estacionado em Nanawa; o I Corpo deveria defender Arce; e por fim o II Corpo tinha como base o fortim Toledo. Cada um destes, possuía uma área determinada que deveriam proteger.

Deve-se destacar a contratação por parte do Altiplano do general alemão Hans Kundt que havia lutado na primeira guerra mundial. Sua vinda para o *front* deu novo fôlego aos bolivianos, que se sentiram mais confiantes. Importante ressaltar que este novo exército que descia dos Andes, composto em sua maioria de índios, não estava acostumado com o clima chaquenho, bem quente, estando habituados a grandes altitudes, a ar mais rarefeito e temperatura mais amena. Tal problema não afligia o soldado paraguaio, acostumado como estava àquele ambiente (Cf. SIENRA, 1980: 144).

A estratégia utilizada por Kundt era a de sempre atacar pela frente, mandando ondas sucessivas de soldados. Estas hostes pereciam facilmente frente às defesas paraguaias, o que demonstra que o referido comandante ignorava os princípios da economia de forças e da concentração. O general alemão também não se utilizou de surpresa estratégica em seus ataques. Mesmo a superioridade no que se refere à força aérea não trouxe vantagem ao esforço de guerra boliviano (Cf. SIENRA, 1980: 144).

As principais batalhas deste momento estratégico foram as que ocorreram em Toledo e Nanawa. Contudo, várias outras escaramuças aconteceram, entre elas em Corrales, Herrera, Gondra, Arce. Todos os ataques bolivianos resultaram em fiasco.

Depois de organizado o exército e de ter suportado o feito de armas boliviano, os paraguaios voltaram à ofensiva. Esta nova disposição os levariam aos pés dos Andes, adentrando território boliviano. Esta última fase é composta pela série de batalhas que constituem para Sienna

a de Zenteno, a de Cañada El Carmen, a destruição dos últimos pontos de defesa boliviana e por fim a invasão ao território inimigo. A primeira e a segunda série de combates determinam a conquista do segundo e do terceiro compartimentos estratégicos no qual resultam na conquista do rio Pilcomaio.

2.2.1 Considerações sobre a fase defensiva.

2.2.1.1 Política internacional.

É necessário destacar que durante o período tratado neste segundo tópico houve diversas tentativas de negociação e de formação de tratados. Todos falharam dadas as intransigências de ambos os países (Cf. DORATIOTO, 2000: 12-14). Por um lado, a Bolívia se sentia confiante pela vinda do general Kundt e se respaldava internacionalmente com o argumento de que tinha sido agredida pelo Paraguai. Este, por outro lado, criara uma expectativa de êxito dadas as suas vitórias no campo militar (Cf. SIENRA, 1980: 155).

2.2.1.2 Conclusões estratégico-militares.

Sierra traz-nos uma análise de 15 pontos sobre o exército. Transcrever-se-á os mais importantes:

[...] Renuncia accionar por líneas interiores. La actitud contraria hubiese llevado a resultados altamente positivos; si todas sus tropas hubieran caído sobre Arce, hubiésemos tenido necesidad de multiplicar nuestro esfuerzo defensivo. [...] Los comandos bolivianos anteponían la conquista geográfica a la destrucción de las fuerzas adversarias. [...] olvidó aplicar correctamente los Principios de la Concentración, de la Oportunidad de Acción, de la Economía de Fuerzas y de la Sorpresa Estratégica. (SIENRA, 1980: 156).

2.3 A última ofensiva

Esta última fase da guerra deve ser entendida como uma série de contendas que levaram o Paraguai a conquistar todos os compartimentos estratégicos que lhe faltavam no Chaco e em seguida chegar aos pés dos Andes. Faz parte deste movimento o ataque a Zenteno, a Cañada El

Carmen e depois o ataque aos postos mais avançados do exército do Altiplano no território litigioso terminando com a invasão a Villamontes.

2.3.1 Batalha de Zenteno.

As diversas lutas que são colocadas sob o rótulo de “batalha de Zenteno” ocorreram entre setembro e dezembro de 1933. Com esta segunda fase ofensiva, Estigarribia pretendia acabar de vez por todas com o exército boliviano (Cf. SIENRA, 1980: 169). O Comandante-em-chefe dos guaranis remeteu uma mensagem ao Presidente Ayala para expor-lhe seu plano de ataque e para pedir-lhe que comprasse para o exército 2000 caminhões, pois os meios de locomoção das tropas estavam debilitados. Contudo, Estigarribia recebeu como resposta que o governo só poderia ceder-lhes 20 caminhões, ou seja, 1% do total requerido (Cf. SIENRA, 1980: 166). Ayala acreditava que a guerra teria fim com a intermediação internacional, principalmente da Argentina, por isso, disse ao comandante militar paraguaio que se mantivesse na defensiva. Porém, as esperanças de Ayala não se concretizaram e o estado de guerra se manteve. Coube, dessa forma, ao dirigente das forças armadas do Paraguai retomar as atividades no Chaco, com seus esparsos recursos de locomoção.

Os ataques guaranis, no entanto, pelo plano de ação de Estigarribia, deveriam se concentrar em pontos localizados uma vez que o exército do Altiplano possuía superioridade numérica e de armamento, impossibilitando uma ofensiva aberta. Buscava-se ganhar do inimigo utilizando-se do princípio da superioridade da força, batendo uma a uma as posições adversárias divididas.

Os primeiros pontos escolhidos para o ataque guarani foram os fortins Pampa Grande e Pozo Favorito, que caíram em poder dos atacantes no dia 15 de setembro, após um curto cerco. Dias depois desta vitória, voltava ao poder dos paraguaios Campo Aceval. Foram as primeiras derrotas do General Kundt, que as considerou sem importância (Cf. SIENRA, 1980: 173). De acordo com Sienna, este general não percebeu o movimento geral das forças paraguaias, que atacavam somente os pontos necessários à conquista de seu segundo Compartimento Estratégico.

Em dezembro, o I Corpo de Exército do Paraguai, reforçado com a artilharia e três regimentos de Toledo, envolveu a ala Norte do exército boliviano, cortando suas ligações com as bases de Saavedra e Alihuatá. E a 1ª divisão de infantaria do III Corpo de Exército envolveu pelo

sul as tropas do I Corpo de Exército boliviano. Este movimento, iniciado no dia 1º de dezembro, comandado pelo próprio Estigarribia, levou à rendição, no dia 11 da 4ª e 9ª divisões das forças armadas do Altiplano. Caíram prisioneiros 9000 praças e 250 oficiais. Como espólio da conquista, os paraguaios tomaram 24 peças de artilharia, 60 morteiros, 80 caminhões, milhares de fuzis e grande quantidade de munição. Todo este novo material bélico apreendido aumentou a capacidade combativa do exército paraguaio, pois renovou parte considerável de seus armamentos⁹.

Esta batalha de Zenteno levou à conquista do segundo Compartimento Estratégico (Cf. SIENRA, 1980: 181). Esta operação permitiu ao exército paraguaio chegar ao médio Pilcomaio, onde se estabeleceu o III Corpo de Exército.

A consequência mais imediata depois da derrota do exército boliviano foi a demissão do general Kundt. Assumiu o comando das forças bolivianas o general Enrique Peñaranda. Essa derrota fez com que a Bolívia deixasse de olhar com desprezo e desdém para o exército guarani, pois este com inferioridade numérica e de armamento conseguiu derrotá-la em diversas ocasiões. Mesmo sua forte aviação não foi capaz de detê-los (Cf. SIENRA, 1980: 184-185).

O governo Paraguai, depois de tal batalha, ofereceu à Bolívia um armistício de duas semanas, que foi aceito. Ambos os exércitos necessitavam de tempo para reorganizarem suas forças. O exército guarani tentou com este tempo rearticular seus meios de locomoção e o boliviano congregou novos efetivos. O presidente Ayala, quando já estava para acabar o armistício, perguntou a Estigarribia se deveria estender o prazo da trégua. Este foi contra, uma vez que mais tempo significaria maior arregimentação de forças pelo Altiplano. Diz Sienna: “*Un mayor lapso en nuestra conducta defensiva, hubiera permitido a Bolivia duplicar o triplicar la capacidad ofensiva de su ejército en personal y material.*” (SIENRA, 1980: 196).

O autor citado é também taxativo ao dizer a guerra poderia ter sido concluída no ano de 1934, caso o governo tivesse fornecido ao Exército a quantidade de caminhões requisitada. Esse argumento é retomado diversas vezes ao longo de seu livro para justificar o motivo da demora de uma vitória decisiva.

⁹ Sienna chega a afirmar que, após esta batalha, para cada três ou quatro soldados paraguaios, usava armamento boliviano

Com o tempo que foi dado, o Altiplano criou o Terceiro Exército boliviano que, de acordo com Sienna, era duas vezes maior que os outros dois desbaratados nas batalhas de Boquerón e Zenteno (Cf. SIENRA, 1980, 196).

Retomadas as operações militares no início 1934, após o término do armistício, o exército paraguaio, extremamente deficiente em seus meios de locomoção e afastando-se cada vez mais de suas linhas de abastecimento terrestre, continuou a levar a luta à frente com o propósito de chegar ao Alto Pilcomaio, seu objetivo central naquele momento. Entre os meses de janeiro e maio, muitas escaramuças ocorreram, em sua maioria de vitória guarani (Cf. SIENRA, 1980: 196). Todavia, em maio as forças bolivianas conseguiram uma vitória, a de Cañada Strongest. Sienna afirma que esta derrota do exército paraguaio foi somente um revés tático e que não trouxe nenhum prejuízo ao plano maior de conquista do Pilcomaio. Entretanto, o efeito psicológico no povo boliviano foi bastante positivo, pois não havia ganhado nenhuma batalha significativa até aquela ocasião. Este aumento de moral teria consequências políticas importantes, elevando a intransigência boliviana na diplomacia (Cf. SIENRA, 212).

Esta derrota, “tática” nas palavras de Sienna, que mostra bastante pesar em narrar este acontecimento, serviu para que os paraguaios atentassem-se mais à execução de suas manobras ofensivas. Estigarribia, apesar deste malogro, persistiu com seu plano e concebeu ataques a El Carmen, a Picuiba e Yrendagué, que livraria do Chaco o Exército Boliviano. É deste movimento que se pretende tratar a seguir.

2.3.2 Destruição da presença boliviana no Chaco.

Para alcançarem o território boliviano e avançarem sobre Villamontes, os paraguaios deveriam ainda destruir duas posições bolivianas no Chaco. Esta tarefa seria realizada a grandes custas dos soldados guaranis, pois, escassos como eram seus meios de locomoção boa parte da tropa realizava a marcha a pé – nas condições naturais adversas do Chaco – e a cada avanço, afastavam-se mais de seus centros de abastecimento.

O novo exército boliviano chegou a ter 50 mil homens espalhados pelas fortificações que ainda possuíam, enquanto os paraguaios chegavam a 21 mil combatentes (Cf. SIENRA, 1980: 229). Para se dirigir ao Pilcomaio era imperativo que se diluísse a grande concentração de forças do inimigo no sul de seu dispositivo defensivo. Para lograr êxito, Estigarribia mandou que se

fizesse uma operação demonstrativa, em julho de 1934, em direção aos poços de petróleo de Ñancorainza e à refinaria de Camiri. Apesar do enorme contingente beligerante boliviano, estas forças estavam distantes umas das outras, sem grandes possibilidades de comunicação por falta de transversais que ligassem suas posições (Cf. SIENRA, 1980: 231).

Com a ação descrita, o Comandante-em-chefe dos guaranis conseguiu que os bolivianos desviassem sua atenção e destacassem tropas para reforçar os campos assaltados, aliviando o sul do exército do Altiplano e facilitando o caminho para o Alto Pilcomaio.

Para reforçar o efeito obtido com os ataques aos poços petrolíferos, Estigarribia ordenou que se ataque o eixo Picuiba-Carandayty. As ações se iniciaram no dia 13 de agosto de 1934. Entre os dias 15 e 17 caíram Picuiba, Yrendagué, 27 de Novembro e Loma Vistosa. Os paraguaios capturaram por volta de 1200 prisioneiros e mais armamentos (Cf. SIENRA, 1980: 235). É notável a capacidade de ação do exército paraguaio que, apesar de estar em menor número, era o que ditava o ritmo da guerra; era o que impunha sua vontade e o que tinha liberdade de movimento. As forças bolivianas somente agiam a contragolpe, sem um plano geral, um exército reativo. Dessa maneira, era possível ao alto comando guarani moldá-lo à sua vontade, tornando as manobras demonstrativas bastante úteis. Estigarribia, arriscando bastante, como próprio de toda ação ofensiva, logrou levar seu exército ao objetivo estratégico que era o rio Pilcomaio.

Terminada a ação demonstrativa sobre os eixos indicados, Estigarribia planejou um ataque, a ser realizado em fins de outubro e em novembro, ao primeiro ponto fortificado dos bolivianos, cuja derrota seria imprescindível para sua retirada do território em disputa. Esse ponto era o formado por Strongest e El Carmen, comandado pelo coronel Toro. A estratégia do comandante paraguaio era fazer uma pinça, com uma força vindo do norte e outra vindo do sul (Cf. SIENRA, 1980: 251).

A partir do dia 16 de novembro, os paraguaios começaram a tomar as fortificações bolivianas. Caíram Beatriz, Celina, Oruro, Verdún, Ballivián, Cañada Esperanza e outros. Com estas derrotas, toda a frente sul do exército boliviano foi derrubada. A vitória não foi explorada com mais intensidade devido à débil capacidade de locomoção das forças atacantes. Muitos soldados bolivianos se entregaram; outros seguiram para Villamontes e outros ainda seguiram

para a Argentina. Tal como a derrota na batalha de Zenteno significou a demissão de Kundt do comando das forças armadas, a derrota em Cañada El Carmen resultou na destituição de Salamanca da presidência da república boliviana. O próprio exército o retirou do poder quando ele visitava o *front*. Ele foi substituído por Tejada Sorzano, seu vice-presidente, tentando seguir um formalismo constitucional que, com o golpe, desfalecera-se (Cf. SIENRA, 1980: 255-256).

Após esta derrota, o inimigo estabeleceu uma linha de defesa “*desde Ybybobo que pasaba por Capirenda, Carandayty y daba término al oeste del Parapiti sobre el eje 27 de Noviembre , Huirapitindy, Santa Fe*” (SIENRA, 1980: 266). No dia 27 de dezembro de 1934, as comunicações dos defensores de Ybybobo foram cortadas. No dia seguinte, assaltou-se o fortim, resultando na rendição das tropas bolivianas. De 2000 combatentes, 1200 se renderam; o resto morreu ou fugiu. Com a queda desta fortificação, o restante das forças bolivianas teve então de se refugiar no limiar dos Andes (Cf. SIENRA, 266-267).

Faltava ao exército paraguaio, contudo, apossar-se de mais alguns pontos dominados pelo adversário para conquistarem o último compartimento estratégico para, enfim, marchar sobre o território inimigo. As ações com esse propósito se iniciaram em janeiro de 1935. O exército guarani avançou sobre Carandayty; sobre Capirenda; sobre os eixos 27 Noviembre-Huirapitindy, Santa Cruz-Charagua-Parapiti e Tarija-Villamontes. Tomados esses fortins, as forças paraguaias chegaram ao rio Parapiti e tomaram o compartimento referido acima. Tudo que restava era atacar o quartel-general do exército boliviano, Villamontes, por onde descia grande parte das forças do Altiplano. Com a captura destes pontos acima referidos, o exército adversário ficaria dividido em dois, sem possibilidades de comunicação entre si. Estigarribia poderia, então, batê-los um de cada vez (Cf. SIENRA, 1980: 268-273).

Sienra insiste em argumentar que se o poder político tivesse dado o suporte necessário, ou seja, tivesse fornecido caminhões ao exército em quantidade suficiente, o Paraguai poderia ter acabado com o conflito logo após Cañada El Carmen, ou mesmo após esta última vitória retratada. Contudo, como os meios de locomoção eram ruins, eles não conseguiram aproveitar as oportunidades que lhes foram dadas com as derrotas bolivianas (Cf. SIENRA, 1980).

2.3.3 A invasão do território boliviano.

Esta é a última parte da guerra. Neste momento o exército paraguaio encontra-se reduzido

a menos de 20 mil homens. Suas linhas de abastecimento se encontram alargadas ao máximo, prejudicando o fornecimento de víveres e de material bélico. Sienna chega a afirmar que durante determinado período, as tropas receberam somente uma ração por dia. Além disso, os paraguaios não estavam acostumados aos Andes. Toda esta situação era piorada pela já mencionada debilidade dos meios de transporte. Do outro lado, o exército boliviano encontrava-se bem próximo de suas linhas de provisão, teve tempo de montar suas defesas e eram conhecedores do terreno (Cf. SIENRA, 1980: 268-273).

A invasão ocorre entre 25 de março de 1935 e se finaliza em junho do mesmo ano, com a assinatura do armistício. Primeiramente, foram realizadas várias operações demonstrativas sobre Copere, Carandayty, Mosa-Charagua. O objetivo era diluir as forças do sul e do centro do novo exército boliviano. Alcançado tal propósito, lutou-se desde Villamontes até o setor do Parapiti. Várias foram as batalhas e os fortins tomados. A última batalha da guerra ocorre no fortim de Ingavi, protegido por forças paraguaias. Em 12 de junho Bolívia e Paraguai aceitam suspender as hostilidades e negociar (Cf. SIENRA, 1980: 278; 282-289). De acordo com Doratioto

Na frente de guerra, a exaustão dos beligerantes contribui para a busca de solução diplomática para o conflito. As forças paraguaias ocupavam todo o Chaco Boreal e não tinham condições de avançar mais, em território boliviano, onde o ambiente físico desconhecido e hostil vitimaria seus soldados. A Bolívia defendia os poços de petróleo em seu território, mas não conseguiria promover um contra-ataque que revertesse a guerra. (DORATIOTO, 2000: 16).

2.3.4 O Armistício.

Vários países estiveram envolvidos nas tentativas de paz entre Bolívia e Paraguai, dentre eles Brasil, Chile, Argentina, Uruguai e Estados Unidos. Não obstante, a maior atuação foi da Argentina, com seu chanceler Saavedra Lamas. Durante todo o conflito, esses países tentaram chegar a uma resolução pacífica da disputa territorial, contudo falharam, seja por intransigência da Bolívia ou do Paraguai. Seu único sucesso foi em junho de 1935, como dito acima. Além do cessar-fogo imediato,

Nesse documento [Protocolo de Paz] também foi determinada a desmobilização dos exércitos no Chaco; a formação de uma comissão militar neutra de supervisão, sob a presidência argentina, e a arbitragem da questão territorial, caso os países litigantes não chegassem a um acordo na Conferência de Paz, para a qual foram transferidas todas as questões pendentes. A Bolívia perdeu, portanto, essa batalha diplomática, pois abriu mão do princípio que sustentara

desde o início da guerra, de que o armistício deveria ser simultâneo à solução da questão territorial e com garantia de um porto boliviano às margens do rio Paraguai. (DORATIOTO, 2000: 19)

Sierra tem uma visão negativa do tratado, pois, em sua opinião, cedeu muito à Bolívia e não valeu todo o esforço e sacrifício do exército paraguaio. Para ele teria sido possível uma vitória completa sobre o exército boliviano caso o poder político tivesse fornecido às forças guaranis no Chaco a quantidade necessária de caminhões. O autor também critica bastante o presidente Ayala em sua condução da guerra, ressaltando sempre sua visão pessimista (Cf. SIENRA, 1980). Contudo, Doratioto vê a figura do chefe político paraguaio de forma positiva; uma personagem que não quis a guerra, mas que fez o que pode para defender os interesses de seu país nas diversas discussões diplomáticas (Cf. DORATIOTO, 2000). A paz definitiva viria somente no ano de 1938, após longos debates na Conferência de Paz (Cf. DORATIOTO, 2000).

Conclusão

A guerra do Chaco foi um conflito que ocorreu entre os anos de 1932 e 1935 entre as repúblicas da Bolívia e do Paraguai. O motivo da contenda foi a posse do Chaco Boreal, região escassamente povoada e que nunca havia sido demarcada pelo império espanhol quando aquele território era por ele dominado. Somente passado vários anos após a independência desses países é que se começou a discutir até onde iriam suas fronteiras. Cada um argumentou com base no passado colonial, mas não se chegou a um acordo. Contudo, como a área contestada não tinha grande importância econômica para nenhum dos países, nenhum incidente de grande vulto ocorreu entre as duas nações. Nas primeiras décadas do século XX, no entanto, o Paraguai começou uma política de povoamento da região e concedeu a empresas estrangeiras, principalmente argentinas, a exploração daquele território. Neste momento, descobriu-se petróleo no Chaco, o que acirrou as disputas entre as repúblicas, que buscavam explorar este recurso. As tensões foram crescentes, sem que nenhum tratado, negociação ou intermediação internacional pusesse fim aos conflitos. As opiniões públicas se exaltaram em ambos os países e em 1932 a guerra estourou.

O objetivo deste trabalho foi tentar compreender sobre de que maneira o Paraguai conseguiu vencer seu vizinho, que se mostrava mais forte que ele. A Bolívia possuía armamentos mais modernos que os utilizados pelos paraguaios; possuía uma aviação capaz de bombardear as posições guaranis, vantagem que esses últimos não tinham – os aviões paraguaios eram obsoletos; tinha uma população maior, o que significava a capacidade de arregimentar um exército grande ou, ao menos, maior que o paraguaio – pois este sofrera enormes perdas demográficas com a guerra do Paraguai entre 1864-1870.

Para tal intento, utilizou-se intensamente o livro de Sienna, que participou da guerra. Suas descrições bastante vivas das batalhas e movimentos tático-estratégicos permitiu-nos perceber de que maneira os paraguaios conseguiram vencer as adversidades impostas e bater o inimigo que tentava “pisar forte no Chaco”, nas palavras do presidente boliviano, Salamanca (Salamanca. *Apud* SIENRA, 1980).

Pelo que é indicado pelo autor citado, o Paraguai utilizou-se dos princípios da surpresa, da superioridade de forças e da concentração, agindo com frequência por linhas interiores. O

exército paraguaio, inferior numericamente, buscou sempre dividir as forças inimigas, utilizando-se de manobras demonstrativas, e então combatê-las separadamente. Além disso, seus comandantes, em especial Estigarribia, sempre tiveram em mente um plano estratégico claro, que era a conquista do rio Pilcomaio, o que possibilitaria a invasão do território inimigo. É surpreendente a clareza nas ações do Alto Comando paraguaio no Chaco no que se refere aos momentos de defesa e de ataque, embora parte disso possa ser explicado pelas informações sobre o exército do Altiplano passadas pela Argentina ao comando militar guarani (Cf. DORATIOTO, 2000). Se, por um lado, o exército paraguaio mostrou grande capacidade combativa, pelo outro, o exército boliviano carecia de estratégia definida; agia sempre em resposta às ações paraguaias e, em último caso, não recebeu apoio de outro país, como o Paraguai recebeu, mesmo que secretamente¹⁰. Por tudo isso, somado a adaptabilidade do soldado paraguaio ao terreno e clima chaquenos, é que o Paraguai, visto por seu vizinho boliviano como inferior e pela comunidade internacional como o provável perdedor ao estourar o conflito, tornou-se o vencedor na maioria dos combates travados.

Bibliografia

DORATIOTO, Francisco. “As políticas da Argentina e do Brasil em relação à disputa boliviano-paraguaia pelo Chaco (1926-1938)”. In FUNAG. *A visão do outro; seminário Argentina-Brasil*. 1ª Ed. Brasília: FUNAG, 2000.

ROUT JR, Leslie B. Rout. *The Chaco War: a study in the inter-american diplomacy. Tese de doutoramento*. Minnesota, EUA: University of Minnesota, 1966.

SIENRA, Alejandro. *La guerra del Chaco*. 1ª Ed. Assunção: Imprenta Militar, 1980.

ZOOK, David. *La conduccion de la Guerra del Chaco*. 2ª Ed. Assunção: Editorial El Lector, 1997.

¹⁰ Doratioto diz que embora o Brasil tenha, em um primeiro momento, sido simpático à Bolívia, preferiu ficar neutro, como descrito anteriormente.